



## APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA QUARENTENA 2

O presente número de Água Viva vem a público em uma época especialmente difícil. Estamos – os que temos essa possibilidade – em quarentena. As dificuldades que enfrentávamos anteriormente foram multiplicadas pela ameaça de um vírus potencialmente fatal. As dificuldades que nos são interpostas por ele são potencializadas pelas que já estávamos enfrentando antes que a pandemia nos alcançasse. Nossas angustias se acrescentam. Tudo redobra, tudo aumenta, tudo é potencializado.

Exatamente por isso é importante mostrarmos que nossa produção não foi interrompida, que com todas as agruras que se nos apresentam, estamos nos nossos postos, afincadamente produzindo conhecimento, como fazíamos, como faremos. Estamos aqui.

Aqui estão Fábio Marques de Sousa e Ivo Di Camargo Jr, com **PENSAR AS CIÊNCIAS HUMANAS COM MIKHAIL BAKHTIN: ALGUNS POSSÍVEIS PERCURSOS DE COMPREENSÃO**, trazendo uma discussão sobre os paradigmas da produção do conhecimento sob a luz da teoria elaborada pelo Círculo de Bakhtin. Todo esse corpo teórico é plural, interdependente, tanto nos conceitos que o formam quanto em seu próprio processo de elaboração, que foi coletivo. Por esse motivo, os conceitos elaborados nesse processo podem migrar para diversas áreas de conhecimento: dialogismo, polifonia, alteridade. Os autores do artigo empreendem uma biobibliografia do Círculo, e em especial de Bakhtin, e afirmam que a acusação feita a esse corpo de produção teórica – a de que lhe falta um método – resulta de desconhecimento da produção intelectual em pauta. Na verdade, um método que seja funcional para um mundo crescentemente complexo não poderia ser simplificado em meia dúzia de conceitos, mas depende de intensa interação entre conceitos e pontos de vista.

Aqui está também Maria de Jesus Castro de Oliveira, com **O PERIGO DA MULHER ÚNICA: REFLEXÕES SOBRE A IDEIA DE FEMININO EM A HISTORIADORA OBSTINADA, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE**, que nos traz uma análise do conto da autora nigeriana sustentada simultaneamente pelos estudos de gênero e pelas teorias pós coloniais. Para efetuar uma leitura que contemple as múltiplas implicações constantes no conto, se faz necessário refletir sobre a fraturada inserção de mulheres e cidadãos de outras culturas subalternas na cultura ocidental – e como essas fraturas se interpelam e interpenetram quando se fala de mulheres africanas. Trata-se de assunto ainda mais candente dada a desmontagem de direitos duramente adquiridos, tanto em termos nacionais quanto mundiais, e sempre de forma



mais contundente nas periferias. O que o artigo – assim como seu corpus - não falha em demonstrar é que a resistência não só é possível como também, as vezes, alcança resultados.

Abordando as questões – prementes – do letramento literário, temos O FEMINISMO NA LITERATURA: A IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE DA MULHER NO ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA ATRAVÉS DO TEXTO COMPANHEIRAS DE ENEIDA DE MORAES, de Jessica Carolina de Souza Neves, Luana Beatriz Rodrigues de Souza e Pamella Cristina Requena. A metodologia desenvolvida pelo professor Rildo Cosson, que sugere que se aplique uma sequência de leitura composta de quatro passos, é aplicada, aqui, a um texto que aborda as – também prementes – questões de gênero. A escolha de uma crônica de Eneida de Moraes na qual ela fala de sua experiência como presa política durante a ditadura estadonovista também se coaduna com o momento atual.

Também trabalhando com o gênero crônica, e contemplando o mesmo período histórico (Ramos e Eneida inclusive foram presos políticos na mesma época e durante um período, na mesma prisão) Patrícia Aparecida Gonçalves de Faria, em OS USOS E COSTUMES DA SOCIEDADE NAS CRÔNICAS DE GRACILIANO RAMOS EM CULTURA POLÍTICA: REVISTA MENSAL DE ESTUDOS BRASILEIROS, em que analisa as concessões – poucas – realizadas por Graciliano em sua função de escritor de revista patrocinada pelo governo Vargas – o mesmo que anteriormente o submetera ao cárcere. Enquanto as notas que apresentam os textos de Ramos procuram envolver seus personagens em ações que confirmem as excelências do então governo, os textos em si são cuidadosos em não estabelecer qualquer compromisso – o nome de Getúlio sequer é citado, por exemplo. Assim, Graciliano Ramos, da mesma forma como outros intelectuais – também citados no artigo – que colaboraram com a Cultura política, manteve uma atitude de distância para com o ideário estadonovista.

Abrindo uma sequência de artigos que se debruçam sobre as literaturas de língua inglesa, Marcella Faria apresenta ORGULHO e PRECONCEITO E A MILÍCIA, em que lê o romance de Austen em relação a seu período histórico, notadamente o evento histórico mais relevante da época, as Guerras Napoleônicas. Dessa forma, a autora do artigo desmistifica a crença, bastante disseminada e largamente aceita nas histórias da literatura inglesa, de que Austen escrevia romances cor de rosa para leitura de moças de boa família. De fato, ao expor o microcosmo formado por pequenas cidades e seus habitantes, seus romances apresentam os eventos relevantes da política e da sociedade de sua época, e de forma bastante crítica.



Seguindo com a literatura inglesa, Giancarlo Moreira Rodrigues e Luciana Brito apresentam ROMANCE E MEMÓRIA: RETRATOS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM PASSEIO AO FAROL DE VIRGINIA WOOLF, em que defendem que a desestruturação das formas de entender o mundo causada pela guerra é explicitada no romance em pauta não através de descrições ou mesmo da narrativa, mas através da própria estrutura da obra. O romance é contrastado com outras obras modernistas como forma de destacar as técnicas utilizadas para criar uma literatura capaz de representar um mundo crescentemente fragmentado e de difícil compreensão.

O também modernista William Faulkner tem um de seus romances mais famosos analisado por Claudimar Pereira da Silva em A ESCURIDÃO E A MADRESSILVA: MANIFESTAÇÕES LÍRICAS NA NARRATIVA DE QUENTIN COMPSON EM O SOM E A FÚRIA, DE WILLIAM FAULKNER. Segundo Silva, o romance conhecido por sua linguagem fragmentada (e pelo uso de múltiplos narradores que fragmentam ainda mais a narrativa) alcança, justamente através das justaposições de imagens frouxamente ligadas em termos sintáticos, uma medida extraordinária de poeticidade. A polifonia do romance permite também que se torne visível o desmoronamento da família Compson, e por extensão de todo o sul dos EUA, que jamais se recuperou totalmente dos efeitos da Guerra da Secessão, mas procurou inutilmente manter uma ilusão de continuidade. Esse esforço em manter uma pretensão de realidade atinge de diferentes formas os filhos da família Compson. Assim, para todos os personagens, em alguma medida e de alguma forma, a realidade é insuportável e a linguagem fragmentada e insuflada de elementos poéticos explicita essa inadequação.

A linguagem dos quadrinhos também se faz presente em MISS FURY: A PRIMEIRA SUPER-HEROÍNA DE AUTORIA FEMININA, de Jaqueline dos Santos Cunha, que também abordará questões de gênero. A protagonista desse quadrinho criado por uma mulher tem as características da nova mulher trazida pela entrada das mulheres no mercado do trabalho, decorrente da Segunda Grande Guerra. No entanto, como aponta Cunha, trata-se de uma personagem ambígua: ela confere bastante importância à aparência física, às roupas, e aos interesses femininos de casar e constituir família –em consonância com o espírito de seu tempo. O artigo se debruça principalmente sobre a trajetória da protagonista, Marla Drake, mas contempla também personagens femininas secundárias, que também se encontram nessa posição ambígua. Dessa forma, a quadrinhista Tarpé Mills, autora de Miss Fury, negocia no



estreito espaço de representação da mulher, ao mesmo tempo confirmando e desafiando os estereótipos da época.

A linguagem poética também comparece no artigo intitulado O BATISMO MÍNIMO: MORTE E POESIA EM HILDA HILST, de Cleber da Silva Luz e Sandro Adriano da Silva, no qual é analisado o poema XXIII, da obra *Da Morte. Odes Mínimas*. A sintaxe do poema - sua arquitetura, segundo Bakhtin - é analisada, através das figuras de linguagem presentes em cada estrofe, bem como as que se repetem ao longo das três estrofes do poema. O poema, bem como a voz poética, se apresenta fragmentado diante desse fato incompreensível que é a morte.

Na seção de resenhas, temos O QUE PODE UMA BIOGRAFIA? - RESENHA DE UN ARTE VULNERABLE, de Luan Queiroz. O objeto da resenha é *Un arte vulnerable - La biografía como forma*, uma coletânea de 18 ensaios organizada pelas professoras Nora Avaro, Julia Musitano e Judith Podlubne, e lançada pela editora Nube Negra em 2018, é fruto de um colóquio sobre biografia literária ocorrido em 2016, na cidade de Rosário, na Argentina. A reflexão proposta aqui é que a fragilidade do gênero biografia, oriunda de seu estatuto genérico ambíguo, pode também ser entendida como um ponto forte, uma vez que permite uma constante reinvenção formal da biografia. Na sequência, cada um dos ensaios é resenhado, com o intuito de colocar em discussão os conceitos asilares do gênero biográfico.

Por fim, a revista Água Viva se mantém a postos nos tempos turbulentos que nos couberam viver, tempos nos quais a ciência e a cultura estão sob ataque, a literatura é acusada de ser luxo desnecessário e a própria instituição da universidade sofre agressões. Estamos aqui. Continuaremos aqui. Não temos a menor intenção de abandonarmos nosso posto.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes  
Editora Chefe